

**RESENHA**

**REVIEW**

**SEVERINO NGOENHA E O NECESSÁRIO DESMAME NO INTERIOR DA FILOSOFIA AFRICANA**

Luca Bussotti<sup>1</sup>

NGOENHA, Severino 2019. *Lomuku*. Maputo: Publifix Edições.

Desamamentar: é isto que a palavra do título do livro quer dizer. Se trata de uma palavra difícil não só para quem não conhece a língua Tsonga, a mais falada no Sul de Moçambique juntamente com o Changana, inclusivamente na capital Maputo, mas também para os nativos que falam correntemente este idioma. Severino Ngoenha, atual Reitor da Universidade Técnica de Moçambique, filósofo e desde sempre comprometido com questões éticas e políticas do seu país, neste livro aborda um assunto de que há muito tempo vinha pensando, mas que nunca esteve no centro das suas reflexões: a sociedade civil, a sua capacidade de entrar no debate público moçambicano e a sua suposta dependência dos doadores internacionais. É este o sentido da única palavra que constitui o título: decodificando, é possível traduzir *Lomuku* na inquietação que atravessa todo o livro. Uma inquietação meramente filosófica, e que parte de um diálogo do autor com o Centro de Integridade Pública (CIP), a organização da sociedade civil moçambicana provavelmente mais ativa e contundente em relação a tudo aquilo que diz respeito às práticas de má-governança das instituições públicas.

Entretanto, o CIP é apenas um exemplo que Ngoenha usa para desenvolver os dois conceitos que mais lhe interessam: *Lomuku* e *Mit-sein*, este segundo de origem alemão, traduzível por “estarmos juntos”. Ngoenha desenvolve estes conceitos a partir da história do pensamento filosófico, desde Sócrates, que “corrompe” os jovens através da crítica aos valores tradicionais, chegando aos pensadores modernos (Hume, Hobbes, Hegel, entre outros) que se debruçaram sobre o conceito de “sociedade civil” e do seu “desmame” da dimensão política. Mas o fio do raciocínio mais interessante do livro, a este propósito, tem a ver com aquilo que se tem passado no contexto africano. É aqui que

---

<sup>1</sup> Professor Visitante no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Federal de Pernambuco. Investigador no Centro de Estudos Internacionais, ISCTE-IUL, Lisboa. Pesquisador Associado do Instituto de Estudos da África da Universidade Federal de Pernambuco (IEAf-UFPE).

o livro ganha mais coerência e originalidade, mediante um paralelo entre o percurso filosófico africano, largamente criticado por Ngoenha, e a experiência moçambicana.

Segundo Ngoenha, a viragem epistémica da filosofia africana se deu quando novas epistemologias locais procuraram se autonomizar da visão eurocêntrica dominante. Numa primeira fase, isso ocorreu no plano político, com pensadores, como Nkrumah, que conseguiram – mediante o envolvimento direto na vida pública – a independência dos antigos colonizadores. O segundo tipo de *Lomuku* foi o econômico e, como o próprio Ngoenha defende, ele está bem longe de ser completado. Porém, Ngoenha teoriza outro necessário desmame no interior da filosofia africana, de cunho epistemológico: é este o desmame central na reflexão deste livro.

Segundo o autor é preciso superar quer o “tradicional paradigma etnológico” (NGOENHA, 2019, p. 55) de que se originou a etno-filosofia de Temples e Kagame, assim como a filosofia crítica de Towa, Boulanga e Hountondji; duas tendências que, segundo Ngoenha, contribuíram para desamamentar o pensamento africano do eurocêntrico, mas que caíram numa “racialização” epistemológica, reflexo, ao contrário, do sistema dominante ocidental. O *Lomuku*, defende Ngoenha, se caracteriza por constituir um episteme livre da abordagem etnológica, de qualquer que seja a sua raiz. A própria teoria da dependência, desenvolvida por Samir Amin, - que originou, em larga medida, o surgimento da organização do Codesria (Conselho para o Desenvolvimento da Pesquisa em Ciências Sociais em África), sediado em Dakar - estaria embasada na busca de um paradigma africano para as ciências sociais, portanto etnicamente caracterizado. Da mesma forma Ngoenha avalia outros movimentos e paradigmas de pensamento, desde o Afrocentrismo de Asante até o pensamento de Mudimbe como etnocentros, embora admita que Mudimbe chegue a expressar conscientemente a ideia da ainda grande influência das categorias ocidentais na sua própria reflexão filosófica (MUDIMBE, 1973).

Qual, então, a via a ser percorrida mediante o desmame epistemológico necessário mesmo no interior das filosofias africanas? Ngoenha traça uma ideia norteadora: o *Lomuku* de hoje é um projeto que procura ultrapassar a violência epistémica das categorias coloniais e do falso universalismo, que influenciaram também boa parte do pensamento africano até agora. No mesmo diapasão, Ngoenha defende que as interconexões, misturas, trocas fizeram com que seja hoje quase que impossível determinar identidades “puras”, pelo que todos somos “filhos de uma história comum” e

de uma “modernidade partilhada” (NGOENHA, 2019, p. 65). O pensamento dele, neste livro, se torna ainda mais coerente em relação a algumas das suas obras anteriores, acima de tudo *Tempos da filosofia* (NGOENHA, 2004), chegando a formular a ideia de que faria pouco sentido procurar uma *blackness* diferencialista – em aberto choque sobretudo com o Afrocentrismo asanteano –, preferindo reconhecer e ver reconhecida a *two-ness* (dualidade, mas se poderia dizer multiplicidade) de cada ser humano, à maneira do poeta afro-americano Langstone Hugues.

O *Lomuku* de que Ngoenha fala pode ser aproximado, segundo uma comparação que ele próprio faz, à “Filosofia da Travessia” de Bidima, dando assim a ideia de um processo ainda em devir e que continuará ininterrupto na sua complexidade (BIDIMA, 2002).

Uma tal “travessia” percorreu Moçambique desde o período anterior à independência, obtida em 1975. Numa primeira fase, graças sobretudo à ação de Eduardo Mondlane, houve um primeiro *Lomuku* a nível político: Moçambique se afastou de Portugal, tornando-se um Estado independente (MONDLANE, 1976). O segundo nível está ainda em devir, e consta de dois momentos, que representam elementos fundamentais de uma agenda ético-política futura: o primeiro consistiria em “desmantelar as redes mafiosas” que estão atravessando a Frelimo, o partido no poder em Moçambique desde a independência, em 1975 (NGOENHA, 2019, p. 70); o segundo – mais difícil, segundo o autor – será retrazer valores morais diferentes do que ele chama de “dólar-cracia” no seio da sociedade moçambicana. É aqui que Ngoenha fecha o círculo, quando o *Lomuku* encontra o *Mit-sein* moçambicano. Um *Mit-sein* de crise, em que a convivência entre moçambicanos assumiu como próprios e quase que universais des-valores centrados no enriquecimento pessoal, na corrupção, no abandono de qualquer interesse e perspectiva de natureza pública, em benefício do privado. Sair da “tangentocracia” (termo que Ngoenha usa para indicar o poder da corrupção, derivando-o da língua italiana) será a tarefa mais difícil, segundo o autor.

Se o *Mit-sein* passa por um *Lomuku* radical em termos sociais e de relacionamentos pessoais, qual a atitude do Estado assim como das organizações não-governamentais, como o CIP? Para o autor – de certa forma surpreendentemente – não há muita diferença entre os dois, uma vez que ambos pautam por uma lógica do “pedintismo” (NGOENHA, 2019, p. 71). O que significa que quer o Estado, quer o CIP – em representação das inúmeras ONGs moçambicanas – ainda estão sendo amamentadas

pelos doadores internacionais. Daqui, Ngoenha avança com a ideia de que a sociedade civil moçambicana ainda continua fortemente dependente do dinheiro dos seus financiadores (que em muitos casos são os mesmos daquele Estado que ela combate), cumprindo, geralmente, com uma agenda que eles determinam e que só é possível implementar, mas raramente contestar ou ajustar. Segundo Ngoenha, uma tal postura revela “um alinhamento na colonialidade”, em suma, uma permanente subordinação, que torna necessário um *Lomuku* da própria sociedade civil, na ótica de uma recomposição de um *Mit-sein* mais saudável e sustentável.

Resistência e re-centração seriam, portanto, as duas etapas necessárias para que a sociedade civil moçambicana possa reformar-se em profundidade, voltando a considerar a comunidade e não o indivíduo como o foco das relações sociais, consoante a melhor tradição da filosofia africana.

Apesar de algumas divagações nem sempre necessárias, sobretudo de tipo histórico-filosófico, este livro tem a coerência e a capacidade de crítica e de inovação que só um pensamento filosófico maduro consegue proporcionar. Ngoenha se faz espaço nos meandros da filosofia africana e afro-americana, para procurar edificar um pensamento próprio, num constante diálogo com a decolonialidade, sem poupar críticas à “querida” sociedade civil local, em muitos casos excessivamente “mimada” e que ainda não passou por um sério processo de *Lomuku*.

### **Referências bibliográficas**

- BIDIMA, Jean-Godefroy. 2002. De la traversée: raconter des expériences, partager le sens. *Rue Descartes*, 2(36), p. 7-17.
- MONDLANE, Eduardo. 1976. *Lutar por Moçambique*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- MUDIMBE, V. Y. 1973. *L'autre face du Royaume*. Lausanne: Editora L'Age d'Homme.
- NGOENHA, Severino. 2004. *Tempos da Filosofia*. Maputo: Imprensa Universitária da UEM.